

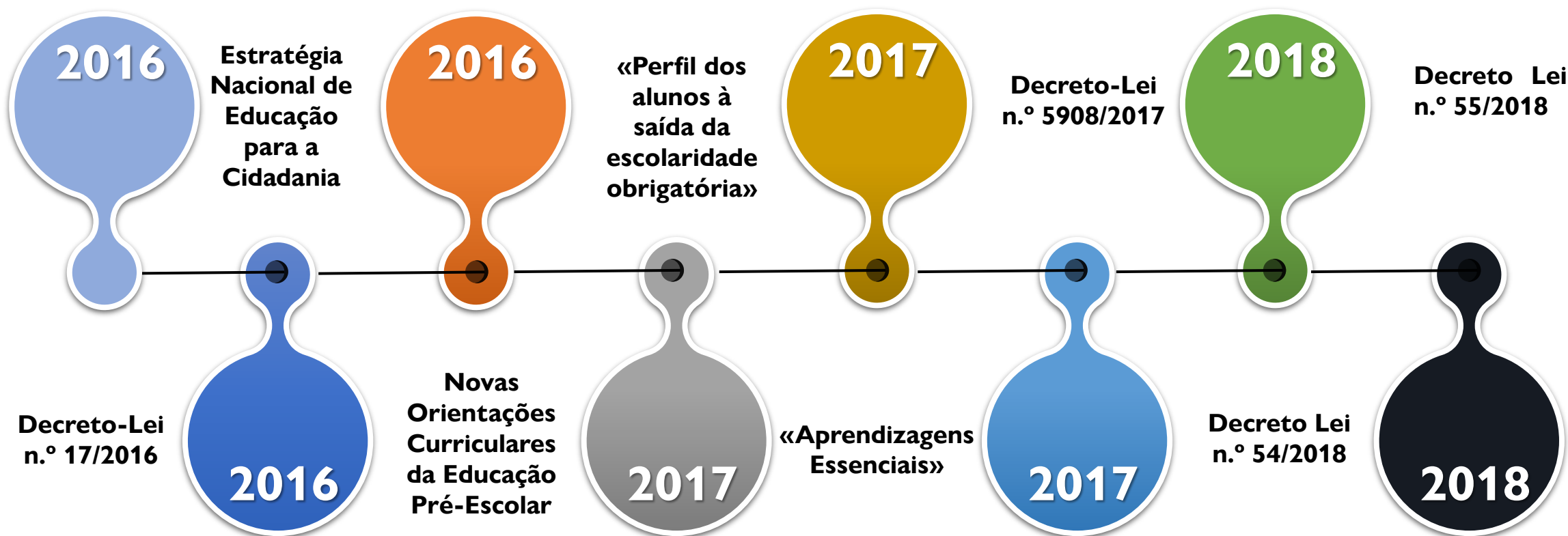


Daniela Ferreira

setembro de 2021

DL 54/2018 NO ENSINO PROFISSIONAL

UM CAMINHO...



INCLUSÃO

ESCOLA INCLUSIVA



DL 54/2018

Este “estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à **diversidade das necessidades e potencialidades** de todos e de cada um dos alunos” (art.º 1) através da identificação das “medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, as áreas curriculares específicas, bem como os recursos específicos a mobilizar para responder às necessidades educativas de todas e de cada uma das crianças e jovens ao longo do seu percurso escolar, nas diferentes ofertas de educação e formação” (art.º 1).

DL 54/2018



Medidas universais passíveis de ser aplicadas a todos os alunos, das quais podemos destacar:

a diferenciação pedagógica;
as “acomodações curriculares (art.º 8);



Medidas seletivas, como por exemplo:

os percursos curriculares diferenciados;
as adaptações curriculares não significativas;
o apoio psicopedagógico;
a antecipação;
o reforço das aprendizagens;
o apoio tutorial (art.º 9)



Medidas adicionais que podem contemplar:

a frequência do ano de escolaridade por disciplinas;
as adaptações curriculares significativas;
o plano individual de transição;
o desenvolvimento de metodologias e estratégias de ensino estruturado;
o desenvolvimento de competências de autonomia pessoal e social” (art.º 10).

DESENHO UNIVERSAL DE APRENDIZAGEM

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

“é difícil realizar uma ação educativa em comunidades que não valorizam este esforço. É difícil agir junto de alunos que perderam a confiança na Escola. É difícil ensinar populações tão heterogêneas. Mas, sejam quais forem os obstáculos, recuso-me a aceitar que os jovens saiam da escola sem terem adquirido um mínimo de competências. A nossa primeira tarefa é assumir a responsabilidade por estes jovens, respeitando os seus próprios percursos educativos. Dizer que a escola deve ser uma «oficina de humanidade» significa, antes de mais, cuidar destes alunos. Não compreendo, nem aceito, quaisquer tendências para o facilitismo ou para a desculpabilização. Se muitas crianças podem contar com a ajuda familiar, outras estão totalmente dependentes do que aprendem na escola. Visitei «clubes» e «salas de apoio» que procuram enquadrar estes alunos, aumentando o tempo de presença no espaço escolar e organizando momentos de estudo, de trabalho e de convívio cultural. É preciso declarar o direito das crianças a uma escola que cultive a democracia e a tolerância, que defina responsabilidades, que ensine com rigor e promova o gosto por aprender”

(Sampaio, 1999, pp. 108-109).

“é difícil realizar uma ação educativa em comunidades que não valorizam este esforço. É difícil agir junto de alunos que perderam a confiança na Escola. É difícil ensinar populações tão heterogêneas. Mas, sejam quais forem os obstáculos, recuso-me a aceitar que os jovens saiam da escola sem terem adquirido um mínimo de competências. A nossa primeira tarefa é assumir a responsabilidade por estes jovens, respeitando os seus próprios percursos educativos. Dizer que a escola deve ser uma «corcha de humanidade» significa, antes de mais, cuidar destes alunos. Não compreendo como é possível, para não falar impossível, que haja alunos que abandonem a escola. Algumas crianças podem contar com a ajuda familiar, outras estão totalmente dependentes do que aprendem na escola. Visitei «clubes» e «salas de apoio» que procuram enquadrar estes alunos, aumentando o tempo de presença no espaço escolar e organizando momentos de estudo, de trabalho e de convívio cultural. É preciso declarar o direito das crianças a uma escola que cultive a democracia e a tolerância, que defina responsabilidades, que ensine com rigor e promova o gosto por aprender”

(Sampaio, 1999, pp. 108-109).

Em Educação é comum ouvirmos dizer que as crianças não aprendem porque não querem, não estão motivadas...

Afinal como podemos motivá-las?

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

- É que um aluno está motivado para aprender quer quando **conhece os objetivos** que orientam a tarefa proposta, quer **quando atribui significado a esses objetivos e tarefas**, quer **quando acredita que o professor tem expectativas de sucesso** em relação ao seu desenvolvimento e aprendizagens, quer, finalmente, quando percebe, ou julga perceber, que controla a sua aprendizagem (Cosme & Trindade, 2004).
- Assim, quando se descreve a escola de hoje como sendo mais violenta, com alunos mais desmotivados, e onde a solução passam por criar turmas homogéneas de modo a adaptar o ensino aos diferentes perfis, falamos de um sistema educativo que coloca inúmeras *barreiras institucionais* à participação e sucesso de muitos alunos (Antunes & Lúcia, 2019; R. Rodrigues et al., 2019).

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

- Combater este sistema implica então **anular estas barreiras** e considerar que “aquilo que leva um aluno a desejar aprender e a persistir nas aprendizagens escolares tem que ver quer com o modo como se criam e organizam os ambientes educativos e as atividades que aí se desenvolvem, quer com o modo como se estimula os alunos a participarem na organização de tais ambientes e atividades” (Cosme & Trindade, 2004, p. 13).
- E, por isso, compete “a cada professor repensar o seu trabalho na respetiva área curricular, de modo a que os seus alunos possam aprender a organizar-se de forma o mais autónoma e capaz possível para enfrentar os desafios específicos que lhes são colocados em cada uma das áreas curriculares” (Cosme & Trindade, 2004, p. 24).

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

- É este investimento que está na origem da proposta da constituição das **Equipas Educativas** (J. Machado & Formosinho, 2016), vistas como unidades de trabalho que permitem suportar as implicações de uma **gestão mais flexível do currículo**:
 - quer ao nível das tarefas a propor aos alunos,
 - quer quanto ao modo de organizar os modos de as realizar,
 - quer, finalmente, quanto ao modo de pensar e operacionalizar o próprio processo de avaliação.

EQUIPAS EDUCATIVAS



COMO CRIAR UM REFERENCIAL PARA O FUNCIONAMENTO DAS EQUIPAS PEDAGÓGICAS/EDUCATIVAS?



REFERENCIAL DE AÇÃO DAS EQUIPAS PEDAGÓGICAS/EDUCATIVAS

- Guia para ação dos professores que compõem a equipa pedagógica/educativa e que acompanham uma turma e que norteia a sua ação pedagógica.

EQUIPAS PEDAGÓGICAS/EDUCATIVAS



Inclusão



Aprendizagens
culturalmente
significativas



Perfil dos Alunos à Saída
da Escolaridade
Obrigatória



Avaliação pedagógica

EQUIPAS PEDAGÓGICAS/EDUCATIVAS



Inclusão

1- Perceber o que é fundamental quando se sinaliza / caracteriza uma criança ou jovem para se definir a ação pedagógica.



Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

2- Perceber qual é o contributo de cada disciplina para o desenvolvimento das competências



Aprendizagens culturalmente significativas

3- Perceber como é que a nossa ação pode potenciar aprendizagens culturalmente significativas.



Avaliação pedagógica

4- Perceber como é que a avaliação pode potenciar as aprendizagens.

EQUIPAS PEDAGÓGICAS/EDUCATIVAS



INCLUIR



APRENDER



ENSINAR



AVALIAR

Assim, torna-se claro que para responder aos desafios de hoje impõe-se a mudança de paradigma.

Mas o que significa mudar de paradigma?

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

- Em suma, entende-se que **a mudança de paradigma**, que influencia a forma como entendemos o ato de ensinar, de aprender e de avaliar, **implica**:
 - **aceitar que todas as crianças têm o direito a aprender**, e que por isso os professores têm o direito e o dever de ensinar, ao mesmo tempo que se reúnem as condições para que também estes possam aprender com os alunos (Mariani & Mateus, 2007).
 - **organizar o espaço educativo e as propostas pedagógicas** de modo a “inspirar os alunos e promover neles uma motivação intrínseca deve ser um dos primeiros objetivos dos professores. Para tal, devem ser promovidas situações de aprendizagem personalizadas, baseadas em projetos, com problemas reais, ligados à vida e às experiências dos alunos, recorrendo-se também a processos de avaliação que constituem eles próprios mecanismos de aprendizagem” (J. Costa & Couvaneiro, 2019, p. 18).
 - **repensar a relação pedagógica** de forma a que a ação e as palavras do professor se baseiem em altas expectativas em relação a cada criança pois o que se ensina, a forma como se ensina, a motivação que se demonstra por aprender, o interesse que se demonstra podem potenciar o gosto pela aprendizagem (Cortesão & Torres, 2018; J. Costa & Couvaneiro, 2019).

No entanto, os desafios são tantos, as turmas são numerosas e os alunos tão diferentes.

Como é que eu posso atender a diversidade dentro da sala de aula?

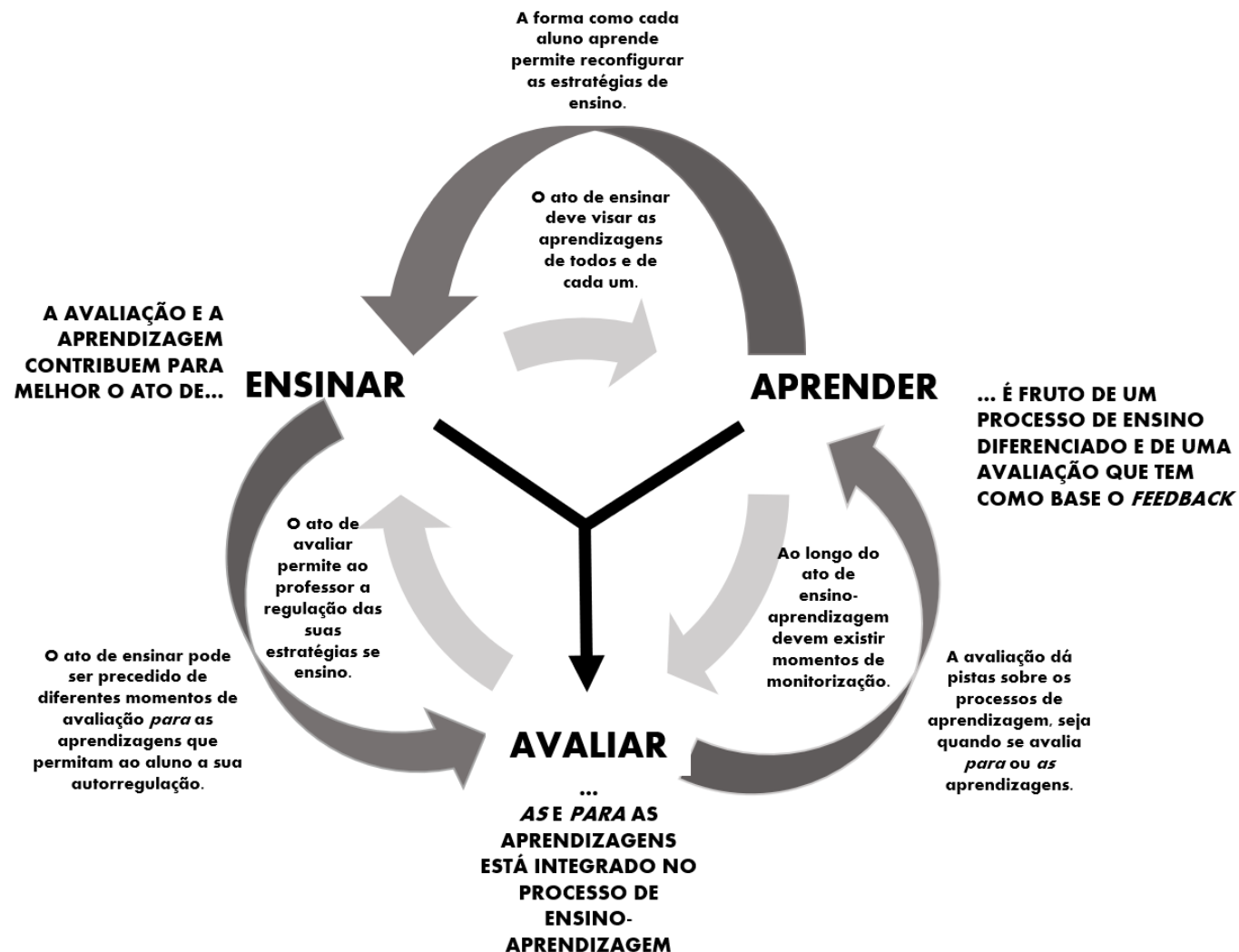
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

A DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

- Um professor que entende a diferenciação como eixo transversal inspirador das suas práticas é um professor que encara o ato de ensinar como a possibilidade de produzir e construir conhecimento, questionando-se “não só como aprende esta criança, mas como aprende esta criança face a este modo de ensinar, face a este contexto de aprendizagem” (Roldão, 2003, p. 57).
- Por isso, é um professor que “não encara a diferenciação como uma estratégia ou algo a fazer quando há tempo extra. Pelo contrário, é uma forma de estar na sala de aula. Não procura nem segue uma receita para a diferenciação, antes tenta combinar o que consegue aprender sobre a diferenciação através de uma série de diferentes fontes e os seus próprios instintos profissionais e conhecimentos básicos a fim de ir de encontro às necessidades de todos os alunos” (Tomlinson, 2008, p. 20).

A DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

- Assim, I. Cabral (2016) entende que as ações pedagógicas diferenciadoras são aquelas em que:
 - o professor diversifica as estratégias pedagógicas promovendo a participação dos alunos na sua aprendizagem e assumindo-se como interlocutor qualificado promove o desenvolvimento da autonomia do aluno num exercício de constante desafio e empoderamento;
 - o aluno assume um lugar central na aprendizagem e por isso é entendido como um sujeito capaz de se apropriar do conhecimento e o mobilizar em situações diversas;
 - a gestão da sala de aula e da diversificação dos recursos educativos promove a participação dos alunos e têm em conta as suas singularidades apelando à cooperação e partilha num exercício de cidadania e respeito pelo outro;
 - a gestão do currículo tem como base os princípios da interdisciplinaridade e da sequencialidade, em estreita relação com a vida em sociedade;
 - os processos de ensino, de aprendizagem e de avaliação são entendidos de forma holística e integrada promovendo a gestão, participação e autorregulação por parte dos alunos.



ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E A DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA



Daniela Ferreira

setembro de 2021

DL 54/2018 NO ENSINO PROFISSIONAL